



Jornalismo Inclusivo – da teoria à prática: Estudo sobre a inclusão profissional de jornalistas com deficiência

Renata Juliotti¹

Cilene Victor²

INTRODUÇÃO

No Brasil, segundo o Censo Demográfico de 2010, cerca de 24% da população têm alguma deficiência, o que corresponde a quase 46 milhões de pessoas. O fato de a deficiência ser popularmente entendida como um fenômeno limitante, costuma-se associá-la a ideia de incapacidade do indivíduo, impulsionando o preconceito de que o profissional com deficiência não seja capaz de exercer suas atividades laborais. Essa realidade tem sido observada pelo jornalismo inclusivo, uma prática jornalística ainda pouco adotada no mercado profissional e pouco explorada nos estudos acadêmicos. Ainda que a deficiência tenha ganhado maior destaque nos debates sobre diversidade e inclusão nos últimos anos, a representatividade dessa agenda na imprensa ainda é pouco eficiente.

A prática do jornalismo inclusivo apresenta-se como um dos caminhos possíveis para conferir visibilidade social e motivação para o debate sobre a temática da inclusão profissional. Isso porque as narrativas midiáticas também podem contribuir para a disseminação de estereótipos, que, por sua vez, tendem a promover uma visão excludente e distorcida desse grupo minoritário. Segundo Traquina (2005, p. 26), “jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por

¹ Jornalista e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Membro do grupo de pesquisa Jornalismo Humanitário e Media Interventions. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), e-mail: renata.juliotti@gmail.com.

² Orientadora do trabalho. Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Uma das líderes do grupo de pesquisa Jornalismo Humanitário e Media Interventions, e-mail: cilenevictor@gmail.com





consequência, na construção da realidade”. Nesse sentido, analisa-se em que medida pode-se correlacionar deficiência e mídia? Para alcançar a resposta à essa questão são necessárias diferentes perspectivas e ferramentas metodológicas para analisar como a deficiência pode moldar os produtos midiáticos, tecnologias e indústrias, ao passo que, a mídia, por outro lado, pode moldar o sentido de “deficiente” ou “pessoa com necessidades especiais” diante da opinião pública na sociedade contemporânea (ELLCESSOR e KIRKPATRICK, 2017).

Além do desenvolvimento teórico, são expostos os temas e abordagens do jornalismo inclusivo, que também se configura como rota de fuga para estereótipos e discriminação. Não obstante, analisa-se em que medida a presença de jornalistas com deficiência nas redações configura uma prática inclusiva “de dentro para fora”. Entende-se, portanto, que a presença de profissionais com deficiência nas redações não apenas se relaciona à inclusão dessa minoria no mercado de trabalho, como acredita-se que é necessário assegurar-lhes o lugar de fala para, de fato, implementar o jornalismo inclusivo como uma prática profissional em todos os aspectos do trabalho, da teoria à prática.

REFERENCIAL TEÓRICO

No sentido de ampliar o entendimento sobre a deficiência e sua interseccionalidade e desdobramentos, faz-se necessário adotar o recente campo dos estudos da deficiência (*disability studies*), em Shakespeare (2015) e os estudos de mídia, em Traquina (2005), Zelizer (1993) e Tuchman (2002) como parâmetro de ampliação da discussão. Especialmente, considerando que não apenas a representação da deficiência é ampla e complicada, mas sua abordagem está se tornando cada dia mais urgente.

METODOLOGIA

A metodologia se apoia no desenvolvimento de uma teoria que analise o conceito epistemológico do jornalismo inclusivo enquanto prática profissional, desenvolvida por meio da revisão bibliográfica similar e sob o prisma da teoria do jornalismo humanitário,





em Scott; Wright e Bunce (2018), e de paz, em Galtung (2001) e Shinar (2008), considerando que o estado da arte referente à prática revela escassez de uma bibliografia específica sobre a temática.

RESULTADOS PARCIAIS

Até o momento observou-se o papel da comunicação de elevar o conflito social a um patamar de discussão, onde a crítica constrói novos argumentos para enfatizar direitos básicos como o acesso à informação, democracia e cidadania. Nesse movimento, busca-se observar o jornalismo enquanto agente social, capaz de dar visibilidade às principais temáticas que permeiam a sociedade ou de forma negativa, criar barreiras para a inclusão por meio de estereótipos e narrativas capacitistas.

A pesquisa, em andamento, identifica em que medida a prática jornalística inclusiva pode promover uma cobertura que exceda às narrativas que contribuem para a perpetuação de estereótipos dessa parcela da população, dificultando a inclusão em vários aspectos da sociedade (JULIOTTI, 2020).

Espera-se ainda ampliar a ideia de que por meio da inclusão de jornalistas com deficiência nas empresas jornalísticas seja possível desenvolver estratégias e teorias que apoiem a compreensão da relação entre deficiência e comunicação, incorporando o conhecimento e experiências reais para analisar os desafios para se criar significado, inclusão e protagonismo sobre a deficiência. E que por meio a prática do jornalismo inclusivo seja possível naturalizar a prática do reconhecimento, respeito e responsabilidade como pilares da produção comunicacional.

REFERÊNCIAS

ELLCESSOR, E.; HAGOOD, M.; KIRKPATRICK, B. Toward a Disability Media Studies. In: ELLCESSOR, E.; KIRKPATRICK, B. (ed.). **Disability media studies**. New York: NYU Press, 2017. Edição Kindle.

SCOTT, M.; WRIGHT, K.; BUNCE, M. **The state of humanitarian journalism**. University of East Anglia, 2018.





SHINAR, D. Mídia democrática e jornalismo voltado para a paz. In: **Líbero**. Ano XI, n. 21, jun.2008. p. 39-48.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular; 2012. v. 1.

TUCHMAN, G. As notícias como uma realidade construída. In: ESTEVES, J. P. **Comunicação e sociedade**. Lisboa: Livros Horizonte, 2009. p. 93-106.

ZELIZER, Barbie. Journalists as interpretive communities. **Critical Studies in Media Communication**, v. 10, n. 3, p. 219-237, 1993. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15295039309366865>>. Acesso em: 20/08/2021.

